

quando na minha fuga dos assassinos, passei a vala que divide a minha chácara da do padre Serafim dos Anjos, para cuja casa eu me refugiei com o auxílio da escuridão”.

A agressão a May repercutiu na Constituinte, onde o deputado Joaquim Manuel Carneiro da Cunha a comentou. A autoria permaneceu misteriosa e continua objeto de controvérsias. Não estaria alheio ao fato o imperador, para uns; para outros, foram os Andradas os mandantes; para terceiros, o próprio D. Pedro teria participado da tropelia. May não ousou desvendar tudo o que sabia, por temor, provavelmente, a princípio; por conveniência, depois. No *Protesto Feito à Face do Brasil Inteiro* afirma que reconheceu um dos agressores, o qual ocupava “alto cargo”. Um jornal do tempo, em quadrinha muito repetida, ao estilo da época, glosou assim o acontecimento:

“Chamam servis os Andradas,  
É calúnia, é falso, é peta:  
São liberais a matar,  
E que o diga o Malagueta”.

O *Protesto* de May só apareceu a 31 de março de 1824; fora promovido no ano anterior e aposentado em fevereiro: não estava mesmo em condições de fazer denúncias<sup>(33)</sup>. Toda a história que, nas versões correntes, envolve a agressão permite deduzir que se tratava mesmo da ameaça de fazer circular novamente o jornal, mas com orientação participante, ao lado dos que defendiam o problema da liberdade. May, provavelmente, faria essa escolha por motivos de ordem pessoal: os antigos amigos não lhe perdoaram a prometida defecção. Trataram-no como tratavam todos os que adotavam aquela posição.

O ano da Independência assinalou o aparecimento de numerosos periódicos, na Corte e nas províncias, caracterizando a tensão política vigente e assinalando as tendências. Vindos do ano anterior, continuavam a circular, na Corte, o *Diário do Rio de Janeiro*, na sua omissão política; o *Revérbero Constitucional Fluminense*, em seu destacado papel; o *Espelho*,

(33) Com o prestígio conquistado na imprensa, May foi eleito deputado, participando da primeira legislatura regular brasileira; nela opinou que os tratados firmados com Portugal, Inglaterra e França, os primeiros após a Independência, deviam ser desconhecidos pela Câmara. Filiou-se à oposição e, em 1828, ressuscitou *A Malagueta*. Em agosto de 1829, criticando o jornal medidas relativas ao novo casamento de D. Pedro, sofreu outro atentado, a 26, ao sair da Câmara. Evaristo da Veiga, no número 28 da *Aurora Fluminense*, noticiou o fato, mostrando como, nele, haveria mandante e executante. May voltou à Câmara, em 1831 e, no início de 1832, retomou a publicação de *A Malagueta*.